



## Educação e consumo na série de TV "Um Maluco No Pedaco"

*Education and consumption on the TV serie Fresh Prince of Bel-Air*

STEPHANE RAMOS DA COSTA; ANTONIO RAMOS BISPO NETO; IAMARA DA SILVA VIANA <sup>1</sup>

### Resumo

O presente artigo tem como objetivo principal analisar a dimensão educativa do seriado de TV *Fresh Prince of Bel-Air*, traduzido no Brasil com o nome de *Um Maluco no Pedaco*. As reflexões apresentadas aqui fazem parte de reflexões iniciais acerca do debate que versa sobre a questão da identificação na representação de experiências negras nas mídias de massa. Partindo da questão: “O que esta série tem a contribuir no currículo e na educação de crianças e jovens brasileiros?”, pensaremos aqui em como o humor de seriados voltados para o público negro pode ser encarado por meio da dimensão educativa para compreensão de questões relacionadas às relações étnico-raciais das sociedades afrodiáspóricas e conteúdos sensíveis, mais especificamente no Brasil e nos Estados Unidos.

**Palavras-chave:** Educação; Um Maluco no Pedaco; Audiovisual; Relações étnico-raciais; currículo

### Abstract

This article aims to analyze the educational dimension of the Fresh Prince of Bel-Air TV series, translated in Brazil under the name A Madman in the Piece. The reflections presented here are part of the debate on the issue of identification in the representation of black experiences in mass media. Starting from the question: “What does this series have to contribute to the curriculum and education of Brazilian children and youth?”, We will consider here how the humor of serials aimed at the black public can be viewed through the educational dimension for understanding issues. related to the ethnic-racial relations

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Mestranda em Educação. E-mail: [stephane.rcosta@gmail.com](mailto:stephane.rcosta@gmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5162-5970>; RJ, Brasil; Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, Brasil; Mestrando em História Comparada. E-mail: [antonioramosbn@gmail.com](mailto:antonioramosbn@gmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3435-1808>; PUC-Rio, RJ, Brasil. Doutora em História. E-mail: [ia.sviana@gmail.com](mailto:ia.sviana@gmail.com). <https://orcid.org/0000-0002-7290-4995>

of aphasporic societies and sensitive content, more specifically in Brazil and the United States.

Key-words: Education; Fresh prince of Bel Air; Audio-visual; Ethnic-racial relations; curriculum

### **Resumen**

Este artículo tiene como objetivo analizar la dimensión educativa de la serie de televisión Fresh Prince of Bel-Air, traducida en Brasil bajo el nombre de A Madman in the Piece. Las reflexiones presentadas aquí son parte del debate sobre el tema de la identificación en la representación de las experiencias negras en los medios de comunicación. A partir de la pregunta: "¿Qué tiene que aportar esta serie al currículo y la educación de los niños y jóvenes brasileños?", Consideraremos aquí cómo se puede ver el humor de las series dirigidas al público negro a través de la dimensión educativa para comprender los problemas. relacionado con las relaciones étnico-raciales de las sociedades afrodisporicas y el contenido sensible, más específicamente en Brasil y los Estados Unidos.

**Palabras clave:** Educación; Fresh Prince of Bel Air; Audiovisual; Relaciones étnico-raciales; currículo

## Introdução

Durante o ano de 2019 o professor de História Bernardo Baião, da Escola Municipal Maxiliano convidou outros docentes para a realização de uma

aula em conjunto às suas turmas de sexto e oitavo ano. No sentido de ampliar o debate em relação à escravidão, suas problematizações e permanências, fomos convidados a integrar o evento e ampliar as possibilidades de debate com os discentes envolvidos. Tendo como proposta principal a desnaturalização nas representações das experiências negras nos currículos de História, expomos também algumas das produções de destaque por indivíduos negros. Em determinado momento da aula, foi perguntado aos estudantes quais eram os artistas negros que eles se lembravam e se interessavam. O primeiro nome a ser mencionado – fato que nos causou surpresa – foi o do ator americano Will Smith. Vejam bem, eram quatro turmas de Ensino Fundamental, tendo entre o seu maior público alunos entre 11 e 14 anos.

Num Segundo momento outros nomes foram surgindo como Beyoncé, Lázaro Ramos, Iza, Ludmilla, o DJ Rennan da Penha, nomes estes citados por todas as turmas ali presentes. Durante esse mesmo momento da dinâmica, questionou-se que séries e filmes poderiam mencionar em que os atores protagonistas fossem negros. O primeiro deles foi o filme Pantera Negra – nada surpreendente, tendo em vista ser um dos mais recentes films majoritariamente compostos por atores negros - e logo depois os seriados como *Eu, A Patroa e as Crianças*, *Mr. Brown*, o desenho *Super Shock*, *Todo Mundo Odeia o Chris* e *Um Maluco no Pedaco*. Utilizaremos como fonte principal de análise subsidiada para esta pesquisa a última série.

No sentido de contextualizar as classes mencionadas é importante salientar que, entre tons claros e escuros, quase 80% do corpo discente eram compostas por alunos negros. Mesmo que tenha sido uma agradável surpresa ao perceber que os alunos presentes ainda conheciam uma série e um ator que por muitos é enxergado como importante apenas para a geração dos jovens brasileiros dos anos 2000, é sintomático que essas crianças tenham entre seus ídolos um ator que participou e ainda participa de produções relevantes do audiovisual estadunidense e foram muito transmitidos em canais de TV aberta no Brasil, como *Independence Day*, *M.I.B - Homens de Preto*, *Hancock*, *Bad Boys*, *A Procura da Felicidade*, entre tantos outros. Não por acaso que o ator esteja entre as personalidades hollywoodianas mais famosas não só entre o público negro, como também aos pertencentes a diferentes grupos étnico-raciais .

O seriado de TV que nos Estados Unidos recebeu o nome de *Fresh Prince of Bel-Air* - no Brasil a série foi traduzida no ano 2000 como *Um Maluco no Pedaco* - teve sua estreia no ano de 1990 pela *NBC* - National Broadcasting Company - e teve o então rapper Will Smith como o protagonista que recebeu o mesmo nome e se baseou em alguns episódios de sua própria trajetória de vida. A série contava com produtores negros de renome como Benny Medina e Quincy Jones e seu enredo tinha como protagonistas exclusivamente negros, a família Banks. Muitos dos episódios das experiências de Will podiam e ainda podem ser facilmente identificadas nas trajetórias de jovens estadunidenses, como também de jovens brasileiros por também estarem inseridos em uma sociedade estruturada pelo racismo.

A trama se inicia a partir da mudança de Will da cidade de Filadélfia para Los Angeles, mais especificamente para o bairro de Bel-Air. Problemas relativos a violência na antiga cidade fizeram com que a personagem central recomeçasse nova vida em outro espaço social. Will fora acolhido por sua tia materna, Vivian Banks, na esperança cunhada por sua mãe de um futuro melhor. O primeiro capítulo mostra essa grande mudança na vida do então adolescente e como as diferenças entre ele e seus tios e primos já de início rendem roteiros engraçados e com visões críticas das relações raciais afro diaspóricas. Retomando a questão de Will Smith e um Maluco no Pedaco podemos apontar a série como um marco significativo para quase uma geração inteira da década de 90 do século XX.

Este ensaio tem como intuito traçar algumas das relações possíveis entre a série Um Maluco no Pedaco e suas dimensões educativas nas sociedades afro diaspóricas quais sejam, a brasileira e a estadunidense. Questões que versem sobre a contribuição do seriado na educação em ambiente escolar, na influência de uma produção como esta em currículos escolares e nas experiências de crianças e adolescentes brasileiros podem contribuir em reflexão acerca da construção de identidades e representatividades, bem como olhares e espectadores negros, classe e currículo. Mobilizaremos para tanto os conceitos “olhares negros” de bell hooks, identidade de Stuart Hall e currículo como categoria de cunho político, social e cultural.

Pensar a televisão no ambiente escolar não é novidade entre os docentes e pesquisadores contemporâneos. As transformações culturais ocorridas no século XX e XXI, e ao papel das mídias, repercutiram na escola de maneira ampla, sobretudo no que se refere ao papel do educador. Importa nesse sentido destacarmos a relação produção/recepção na qual a série aqui utilizada como nossa principal fonte estava

inserida nos anos em que fora transmitida no Brasil.

Ao nos debruçarmos no seriado de TV como uma referência documental possível para auxiliar a exposição de conteúdos como as permanências e passados-presentes da escravidão e políticas legitimadas da segregação a partir de grupos sociologicamente considerados minoritários (ALMEIDA, 2019) observamos o quanto significativo os meios de comunicação de massa promovem construções e ressignificações acerca de Histórias pretéritas.

### **A dimensão educativa da série**

Antes de atuar em produções do cinema, Will Smith marcou uma geração de jovens da década de 90 nos Estados Unidos por sua participação como protagonista na série de TV americana que estreou e se desenvolveu com questões referentes à juventude negra nos Estados Unidos. O artista já era conhecido ao menos na indústria fonográfica como o rapper Fresh Prince, fazendo parte inclusive da dupla com o DJ Jazzy Jeff, (DJ Jazzy Jeff and the Fresh-Prince chegou a ser premiada com um Grammy no ano de 1989 na categoria de Melhor Performance de Rap) que mais tarde também faria parte da série como melhor amigo do protagonista Will.

A pesquisadora bell Hooks faz um apanhado sobre a relação das narrativas de representação de pessoas negras na indústria cultural que perpassam as sociedades de todo mundo. Em Olhares negros: raça e representação (2019) a autora reúne um compilado de ensaios críticos e entre eles está o

Segundo bell hooks:

“Teorizar a experiência de ser negra nos Estados Unidos é uma tarefa difícil. Socializadas no interior de sistemas educacionais supremacistas brancos e por uma mídia de massa racista, muitas pessoas negras são convencidas de que nossas vidas não são complexas e, portanto não são dignas de reflexões e análises críticas sofisticadas” (hooks, 2019, p.32)

De fato, a intenção e o ato de teorizar corpos negros não é uma tarefa fácil. Ao estarmos inseridos em sociedades estruturadas pela discriminação racial e de classe, tendemos a não caracterizar essas populações como um elemento essencial na vida

humana, a subjetividade e complexidade de corpos negros. Este trecho explicita não só o caso no qual negros africanos e da diáspora de uma forma geral estão inseridos. As semelhanças entre os dois países no que tange a questão racial são muitas, mesmo que elas por vezes se apresentem de forma distintas. Hooks dá prosseguimento a suas ideias ao escrever que o livro mobiliza produções fílmicas por compreender que estas determinam como pessoas negras são representadas e encaradas pela sociedade a qual produz e recebe estes materiais. Nesse mesmo sentido, a série pode ser facilmente relacionada aos movimentos que trazem as individualidades de pessoas negras e fogem de estereótipos como é o caso das diferentes personalidades construídas para cada um das personagens.

Assim como foi dito anteriormente, Will interpreta um jovem de 16 anos que se muda para a casa de seus tios em Bel-Air. O adolescente então é confrontado pelos dois mundos aos quais tem acesso na maior parte dos episódios, seja no comprometimento em manter suas raízes da Filadélfia e os aprendizados com sua mãe e amigos, como suas novas experiências em meio a uma família que lhe permite acessos para estudar em escolas de ponta, indivíduos da elite política e cultural da sociedade, o que amplia suas possibilidades de concretizar seus sonhos. No momento de sua mudança, Will é reencontra com seus familiares depois de anos de distanciamento, e é aí que ele passa a conhecer mais sua tia Vivian, uma professora universitária; seu tio Phil, um importante advogado com aspirações e comportamentos da burguesia estadunidense; a prima Hillary que não tem outras metas além de comprar roupas caras e trabalhos sem muito comprometimento; Carlton que é visto como um oposto de Will, sem muita consciência racial e com o objetivo principal de entrar para Princeton; sua prima mais nova Ashley, uma criança inteligente e que vê em Will um exemplo a seguir; e o mordomo Geoffrey, um inglês com comentários engraçados e ácidos. É no decorrer da série que vamos nos aprofundando nas personalidades de cada personagens, confirmando as expectativas de se tratar de uma produção que visa romper determinados padrões acerca da comunidade afro americana.

Neste tema, vemos diferentes indivíduos negros interagindo e reproduzindo ideais de família, bem viver e inserção social. Importa destacar o recorte de classe o qual *Fresh Prince of Bel-Air* nos traz, por retratar uma família que – provavelmente Segundo dados do IBGE não existiriam - comporia uma parcela ínfima da sociedade que é chamada por alguns de *elite negra* (TAYLOR, 2018). De todo modo, mesmo em se tratando de uma família pertencente ao setor de classe média alta, esta não está imune aos tentáculos

do racismo estrutural, como é o caso de episódios em que Will e Carlton são presos por estarem dirigindo um carro que, segundo o policial, parecia ser roubado, ou quando Will é discriminado por suas vestes e cabelo. Há também episódios em que Tio Phill conversa sobre seu ativismo em favor dos direitos civis, presença em discursos de Malcolm X e inclusive as amizades que ainda tinha com alguns os Panteras Negras que estavam foragidos da polícia, o que demonstrando que a *consciência racial* ainda era permanecia ao menos entre Will e seus tios.

A pesquisadora bell hooks (2019) nos fala sobre a ideologia do “aprimoramento da raça” aos quais alguns homens e mulheres negros pertencentes aos setores médios estavam comprometidos a seguir, onde se acreditava no aperfeiçoamento como estratégia para se “igualar” aos brancos no sentido da respeitabilidade social. Pode-se afirmar que a família Banks compartilhava desses ideais de “aprimoramento da raça” não apenas por suas inserções como também suas aspirações sociais.

O personagem Will em muitos momentos se mostrava interessado em ideais que versavam sobre um nacionalismo negro, exaltando figuras como Malcolm X, Muhamad Ali e os movimento dos Panteras Negras, o que já por si só já justificaria alguns dos embates levantados entre ele e o resto da família Banks. Entretanto, é no decorrer dos episódios que vamos percebendo Sublinhamos a relevância da existência de um dilema colocado por bell hooks acerca do consume de produções que apresentam um mesmo viés onde reflexões críticas sobre raça e classe sejam invisibilizados, pagados, restando somente o consume superficial. Questão definida pela autora como *commodity*.

### **Os usos da série: uma manifestação da *cultura popular negra*?**

Desde meados do século XX a discussão em torno da cultura, mídias, produção/recepção vem ganhando espaço entre pesquisadores das mais diversas áreas, educação, história, comunicação, psicologia, dentre outras ciências preocupadas com as novas lutas sociais que surgiram no pós Segunda Guerra, isto é, os novos nacionalismos, os feminismos, movimentos negros etc. Historiadores anglófonos como Hall, Thompson, Williams, como também os de língua francesa, como Certeau, Foucault, preocuparam-se com o tema sob as mais diversas linhas interpretativas.

Aqui, nos interessa refletir em que medida tais discussões podem nos ajudar a compreender o impacto que teve tal série – e outras do mesmo tipo - entre a juventude,

sobretudo negra, dos subúrbios, periferias e favelas das grandes cidades brasileiras no final do século XX e início do XXI. Tal impacto será analisado à luz de alguns textos sobre o tema, sob duas perguntas: de que forma a série pode ser lida como uma produção/recepção dos negros nas Américas e em que medida tais estratégias podem ser utilizadas em sala de aula, numa era marcada pela televisão.

A subversão que marca o *uso* - em que tanto a colonização espanhola, como os produtos televisivos - foi para Certeau a característica mais importante dessa produção no mundo contemporâneo. O historiador do cotidiano estava preocupado realmente com o que o consumidor “fabrica” durante as horas em que passa assistindo aos programas televisivos. Frente a essa produção, jornalística e até espaço urbano, “racionalizada, expansionista, centralizada, espetacular e barulhenta”, Certeau preocupa-se com com outra produção, caracterizada como consumo, ou uma “arte de utilizar aqueles [produtos] que lhe são impostos. (CERTEAU, 1996, p. 94).

Os diferentes usos em que programas televisivos estão inseridos podem ser complexificados no sentido de se compreender os significados que o público – no caso o público da série – estavam dando ao enredo, trama, personagens, e até aos atores. Tais significados, que talvez não fossem os mesmos que a indústria televisiva de então buscava, basicamente a audiência, foram lidos pelos negros brasileiros quase num movimento de identificação e alteridade em relação à cultura negra dos Estados Unidos.

Essa questão nos remete ao tema da representação para a construção das identidades, mais especificamente no que tange a sua maneira de ser na experiência da diáspora. A série pode apresentar-se também como uma alternativa à identidade nacional, ainda bastante filiada a um pretenso caráter de democracia racial em nossa formação nacional brasileira. Esse processo está certamente relacionado à globalização. Podemos caracterizar a série como um produto da cultura popular negra nas Américas, que rompe até determinado ponto barreiras nacionais? Cultura popular essa que é caracterizada por uma contestação estratégica? (HALL, 2003, pp. 341-342) Hall define da seguinte maneira o que é essa cultura popular negra.

“A apropriação, cooptação e rearticulação seletivas de ideologias, culturas e instituições européias, junto a um patrimônio africano – cito novamente Cornel West -, conduziram a inovações linguísticas na estilização retórica do corpo, a formas de ocupar um espaço social alheio, a expressões potencializadas, a estilo de cabelo, a posturas, gingados e maneiras de falar, bem como a meio de constituir e sustentar o companheirismo e a comunidade.” (HALL, 2003, p.

343)

Forjado nas conexões diaspóricas e por suas heranças africanas, o repertório dessa cultura para o autor jamaicano se construiu como um dos *únicos espaços performáticos* que nos restavam num contexto de dispersões causadas pelos séculos de escravidão. É importante salientar que Hall não entende tal cultura de maneira essencialista, como se a cultura popular negra se manifestasse da mesma maneira nos diversos locais em que se desse, quase que por uma necessidade biológica (HALL, 2003, pp. 346-348). Na verdade, o que torna interessante tal investigação são os caracteres históricos e culturais dessas manifestações.

Quer dizer, a série televisiva que atualmente é parte do repertório da cultura popular, massificada pela mídia, fora consumida gerando outra produção. Talvez o entendimento de que uma série para negros fosse ser bem recebida dentre um público majoritariamente negro como brasileiro, não levasse em conta a existência dessa cultura negra, e das ressignificações em que a série poderia sofrer em seu consumo. Levando em consideração o contexto histórico e cultural em que situava-se o Brasil naquele momento, a série fora recebida enquanto uma narrativa distinta inclusive dentro da cultura popular.

Por isso, mais que uma demanda popular, havia uma demanda da cultura popular negra, como definida por Hall. As combinações entre as realidades dos negros nos Estados Unidos e Brasil, reveladas na comparação quase imediata, ao acompanhar-se o enredo da série – família negra, elite negra, dentre outros -, é que tornam interessantes sua análise enquanto produto do negro nas Américas.

Esse tema, como salientado na introdução, esteve presente em uma experiência no espaço escolar. A influência da televisão na escola, relaciona-se com a mudança ocorrida desde o século XVI em que o poder cultural do professor e da escola se esvai e divide importância como autoridade de conhecimento (VIDAL, SALVADORI, COSTA, 2019, p. 9). A multiplicidades das culturas é assim revelado, sobretudo atualmente com a presença de meios digitais e televisivos em massa.

Buscaremos encaminhar a resposta a tais perguntas na próxima parte desse texto, levando em consideração as contribuições de autores como Certeau, Hall etc, para o entendimento das estratégias e táticas e a participação dos alunos enquanto sujeitos nas relações pedagógicas e escolares (VIDAL, SALVADORI, COSTA, 2019, p. 13).

Neste sentido, quais usos possíveis podem ser feitos, em um ambiente escolar,

dessa resignificação que sofreu a série dentre a juventude negra brasileira? De que formas podemos utilizar tais resignificações no ensino de História e das relações étnico-raciais, num contexto crescente de entrada de outras mídias no ambiente pedagógico, e ao mesmo tempo, de afirmação da cultura negra, e do ensino de sua cultura?

### **Caso brasileiro: semelhanças possíveis para a educação formal e não-formal**

Como já foi aqui explicitado, vemos como importante a produção de mídias que fujam de um padrão que homogeniza e traz uma perspectiva um tanto quanto colonial sob indivíduos negros. A série de TV Um Maluco no Pedaco pode servir como material educacional para jovens que estejam tendo contato com conteúdos que versem sobre as relações étnico-raciais na História do Brasil e História Geral.

Mesmo que talvez existam mais aproximações do que distanciamentos no quesito experiências negras entre os Estados Unidos e Brasil, não podemos deixar de salientar a quantidade de produções do audiovisual que se voltam para o mercado afro americano. A série protagonizada por Will Smith não é uma exceção, pois há todo um aparato para isso e está inserida em um grupo de outros seriados como Todo Mundo Odeia o Chris, As Visões de Raven, Eu a Patroa e as Crianças, que foram produzidos entre as décadas de 1990 e 2000 e chegam ao Brasil para serem transmitidas por canais de TV aberta em horários acessíveis para o público jovem ainda hoje na década de 2010.

Em nosso país, o investimento na captação de mercado consumidor para as mídias de massa se apresenta de forma diferente do país norte americano. Pode-se afirmar que os Estados Unidos investem na produção para esse público especificamente, diferente do Brasil que, com a exceção de séries como Mr. Brown dos atores Lázaro Ramos e Taís Araújo, trouxe até hoje seriados que pensassem nesse público em específico. Isso se dá muito pela insistência no mito de uma harmonia entre raças e a preferência dos produtores em investirem em trabalhos que mostrem a diversidade advinda da mestiçagem no Brasil - mesmo que essa diversidade normalmente seja aplicada como a presença de um ou dois personagens em toda uma trama.

Neste sentido, como pensar na série Um Maluco no Pedaco como parte do currículo de espaços educativos formais e não-formais? Assim como o relato escrito no início do presente artigo, a série pode primeiramente ser utilizada como um exemplo de produção que humaniza famílias negras e suas experiências em sociedades afro

diaspóricas. Seguindo a linha de proporcionar uma ampliação do conhecimento sobre a população negra em meio a um currículo escolar - que mesmo com a lei 10.639 que garante a obrigatoriedade do ensino de História africana e afro-brasileira nas escolas - ainda é muito eurocêntrico, o seriado pode ser entendido como um material educativo para jovens por expor questões referentes à importância da instrução; como o racismo afeta a vida de indivíduos negros, independente de classe social; casamentos interracialis; entre tantas outras coisas.

O público que acessa e consome produções como esta não é apenas o afrodescendente. Por ser transmitido entre os horários de meio dia e uma hora da tarde, em um canal de TV aberta, não é raro encontrar pessoas de outras raças que tenham assistido e se interessado pelos seriados. Isto facilita inclusive a exposição da série como conteúdo educacional pela massificação desta entre os brasileiros.

Se faz muito importante e necessário uma abordagem interdisciplinar para a ampliação do horizonte de visão dos alunos aos estarem sendo apresentados a conteúdos das relações raciais. As contribuições de disciplinas como Sociologia, Filosofia, Geografia e, não só elas, como também Biologia e as Ciências Exatas também auxiliarão. Estas serão

## **Conclusão**

A necessidade de cuidado para que não ocorra, como bell hooks nos alerta, a apropriação da representação de pessoas negras por indivíduos não negros, dando um tratamento da negritude “como uma commodity” (p. 41). O entendimento do seriado como mera mercadoria de troca por audiência, talvez impeça de perceber. Como apontado anteriormente por Hooks, a série pode permitir o rompimento com certos estereótipos, presentes inclusive na cultura popular.

Neste sentido, aquilo que poderia ser uma armadilha para o professor, ou seja, uma produção televisiva de massa, pode tornar-se uma ferramenta de ensino, sobre os mais diversos temas, como as lutas pelos direitos civis nos EUA - como na história do tio Phill -; as diferenças de classe dentro da própria população negra, como relação dos primos Carlton e Will, e suas diferenças de origem - demonstrando a multiplicidade das experiências da diáspora -; como também a importância da família negra na conformação da própria cultura.

O apoio curricular proveniente desse tipo de material, como dito, pode ser utilizado, num sentido mais amplo, como dito, na aplicação das leis relativas à cultura africana e afro-brasileira nas escolas, superando estereótipos, e revelando novas identidades.

### **Referências Bibliográficas**

- ALMEIDA, Silvio. Racismo estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- DOMINGUES, Petrônio. *Cultura popular: as construções de um conceito na produção historiográfica. História* (São Paulo). v. 30, n. 2, ago/dez 2011.
- TAYLOR, Elizabeth Dowling. *The original black elite: Daniel Murray and the story of a forgotten era*. Amistad: Nova Iorque, 2018
- VIDAL, Diana Gonçalves, SALVADORI, Maria Angela Borges & COSTA, Ana Luiza Jesus da. *Cultura e História da Educação: Diálogos com Michel de Certeau e E.P. Thompson. Rev. Histedbr* (online), v. 19, pp. 1-25, Campinas, SP, 2019.
- GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: 34: Rio de Janeiro*, 2012.
- GOODSON, Ivor. *Currículo: teoria e história*. Petrópolis: Vozes. 2018
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- hooks, bell. *Olhares negros: raça e representação*. São Paulo: Elefante. 2019

RECEBIDO: 11/06/2019  
APROVADO: 03/08/ 2019

RECEIVED: 11/06/2019  
APPROVED: 03/08/ 2019

RECIBIDO: 11/06/ 2019  
APROBADO: 03/08/ 2019